

## Processos de transformação do Saber-fazer rede de pescar para o artesanato derivado da pesca na Colônia Z-3

Vitória de Lima Cardoso<sup>1</sup>;  
Claudio Baptista Carle<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [vitoria.cardoso@ufpel.edu.br](mailto:vitoria.cardoso@ufpel.edu.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [cbscarle@yahoo.com.br](mailto:cbscarle@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A Lagoa dos Patos tem suas margens habitadas por comunidades de pesca, intituladas Colônias, que antes da colonização portuguesa abrigava habitantes nativos, especialmente guaranis considerados exímios pescadores. Historicamente na região estes indígenas foram chamados de Charruas e Minuanos. Estas populações atualmente e ao longo da história caracterizam-se pelas práticas tradicionais de pesca e agricultura e no qual carregam consigo um repertório cultural e técnico proveniente deste intercâmbio entre indígenas, negros e colonos (Moura 2009).

O presente estudo que teve como tema a Colônia de pesca Z-3, é resultado da dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) no ano de 2024.

O trabalho teve como foco a materialidade e o saber-fazer das redeiras, pescadoras-artesãs da Colônia de Pesca Z-3, Pelotas, Rio Grande do Sul. O objetivo do estudo foi compreender de que forma a interação com as materialidades, rede de pescar camarão, podem constituir o grupo de pescadoras-artesãs “redeiras”.

O universo de pesquisa compreendeu o grupo de artesãs-pescadoras, composto em sua totalidade por mulheres moradoras da comunidade de pescadores profissionais artesanais da Colônia de pescadores conhecida como Colônia Z-3.

As “redeiras” utilizam como matéria prima escamas de peixes e a rede de pescar camarão rosa e descartada para a confecção de um fio, chamado “fio de rede” que depois de vários processos tais como: coleta, lavagem e corte, tecem acessórios femininos com o fio confeccionado como bolsas, xales, pulseiras e colares entre outros.

O trabalho artesanal realizado pelas “redeiras”, passa por diversas etapas, que pela pesquisa etnográfica e a investigação das materialidades da pesca, possibilitaram evidenciar transformações no saber-fazer rede de pescar camarão na Lagoa dos Patos, para o artesanato derivado da pesca.

Neste resumo, abordarei brevemente o processo de transformação do saber-fazer rede de pescar camarão rosa na Lagoa dos Patos, para a confecção do artesanato derivado da pesca.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a observação participante e a realização de entrevistas semi-estruturadas. O percurso metodológico da pesquisa é marcado pela observação participante inspirada nos princípios da descrição densa de Clifford Geertz (1989) que marca o processo de interação com as narradoras, seus fazeres e seus locais, suas materialidades. A abordagem permite uma aproximação do cotidiano das artesãs e suas práticas, possibilitando a compreensão dos

significados implícitos em suas formas de viver e experimentar o mundo. Seja através de expressões, percepções e gestos que são carregados de significados das ditas “nativas” de determinada cultura.

A abordagem etnográfica de pesquisa de modo geral, permite a perspectiva na forma como a Antropologia produz conhecimento, destacando a importância do trabalho empírico de campo e confrontando as teorias existentes com a realidade observada.

Durante o trabalho de campo foram realizadas entrevistas semi-estruturadas no Mercado Público, local onde vendem o artesanato nos meses de outubro e novembro de 2022; e também visitas às casas das artesãs-pescadoras na Colônia Z-3, frequentando a comunidade pesqueira semanalmente, durante os meses de fevereiro e março de 2023. Os dados de campo também foram produzidos a partir do uso do gravador de voz do celular, em especial nos momentos em que se fizerem oportunos e coerentes com as dinâmicas do campo. A pesquisa de campo apontou que a modernização da pesca foi um dos fatores que atravessou o saber-fazer da rede de pescar camarão, dando lugar ao ofício do artesanato derivado da pesca.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o trabalho de campo foi possível identificar interlocutoras chave que detinham a memória e o saber-fazer rede de pescar camarão rosa na Colônia de pesca Z-3. As interlocutoras, Vilma e Maria Ângela (Zuca), são artesãs-pescadoras, moradoras antigas da Colônia de pescadores Z-3 há mais de 20 anos, detentoras da memória dos processos de transformação do saber-fazer rede de pescar camarão rosa e hábeis artesãs.

Elas são nascidas e criadas na Colônia Z-3, ambas aposentadas pela pesca, aprenderam o ofício com os irmãos, pescadores artesanais na Colônia. Vilma me contou muitas histórias, enquanto estive em sua casa, sobre os dois irmãos que hoje já são falecidos. Vilma lembra como era a vida quando os dois irmãos eram vivos, narra: “eles pescavam e a gente fazia né (as redes de pescar camarão), depois começou a fazer rede para ‘fora’”. A narrativa de Vilma, me remete ao texto de Leroi Gourhan (1971) sobre o corpo do conhecimento, que é transmitido através da memória familiar comum, que “relacionam-se com todos os episódios materiais e morais da vida quotidiana, e a sua inscrição na memória pessoal dos sujeitos” (Gourhan 1971: 56).

O antropólogo Gianpaolo Adomilli (2009), acrescenta perspectivas sobre minha interpretação das memórias de Vilma, sobre aquela época com seus irmãos. Adomilli coloca que as “narrativas de pescadores idosos, redeiros ou ainda na ativa, revelam uma época em que fazer redes era uma atividade totalmente artesanal, sendo que muitas mulheres ficavam em casa, fazendo redes para os maridos pescadores, em um contexto de produção familiar”. (Adomilli 2009:103) As narrativas das “redeiras” idosas que recuperam as redes mostram um fazer que era de produção total das redes para a família pescadora, “fazer redes era uma atividade totalmente artesanal”, e a atividade cotidiana das “mulheres”, que “ficavam em casa”, marcam o “contexto de produção familiar” do grupo humano dedicado a pesca. Não faziam para seus maridos, mas para seus irmãos, numa divisão intrínseca de trabalhos ligados a gênero.

Mari Ângela, conhecida como Zuca, foi criada em uma família de pescadores e casou-se com um pescador. Na relação com esse pescador teve dois filhos, mas nenhum dos dois seguiu o caminho da família pesqueira. Criou os filhos sem se

dedicar diretamente à atividade “redeira”, mas estava ligada a mesma pela interação familiar, com a colônia de pescadores, com o marido. Aposentada pela pesca, o ofício do artesanato foi uma habilidade aprofundada depois da aposentadoria. Tornar-se artesã é algo novo para ela. Zuca indica que ainda está em processo de aprendizagem, com relação às técnicas de produção do crochê e da tecelagem no tear. Sua principal atividade no grupo, no momento, é de transformar sua habilidade de tecer rede de pesca em outros objetos artesanais.

A minha leitura de Ingold (2010) me permite perceber que a habilidade é a base de todo o conhecimento. Habilidades que mostram, segundo o autor, que todo o ser humano é um centro de percepções e agência em um campo de práticas. Nesse sentido percebo que Zuca, a partir desta habilidade adquirida com os fios e com a *agulha de rede*, retorna a esta experiência anterior, o que lhe permite redescobrir estas experiências e a partir delas cria outros objetos artesanais. A inovação e criação com base nos aspectos tradicionais permite que o ato de realizar a produção “para fora”, se consolide com a criação de outros objetos além da rede que efetiva o ato da pesca. Torna-se “redeira para fora” do próprio grupo em interação original, de artesã para a pesca torna-se artesã “para fora” do mundo da pesca.

Zuca exerceu o ofício de confeccionar redes de pescar por alguns anos, fazia *pra fora*, mas depois o processo de confecção da rede de pescar foi mudando. Os apetrechos da pesca, tais como a rede de pescar camarão, foram se transformando, se modernizando e ofício de confeccionar a rede de pescar artesanalmente, foi sendo substituída pela praticidade de se comprar uma rede em uma loja, com materiais e formas padronizadas na indústria, regulada por parâmetros, muitas vezes externos ao grupo, mas que configuram as exigências legais que mudam com o tempo. Zuca utilizava antes um tipo de material para tecer e remendar as redes, agora esse material também é diferente, “é outro fio” como me explica Zuca.

As práticas e habilidades relacionadas aos ofícios oriundos da pesca artesanal se entrelaçam ao ofício do artesanato de forma contínua, na relação com as ferramentas. As agulhas, o domínio dos nós, a formação da tela em renda (como redes de pesca) não se perde, se modifica na arte de criação de novos objetos. É evidente a relação com a *navete*, vide figura 1, conhecida pelas artesãs como a *agulha de rede*. A *navete* é utilizada tanto para confeccionar as redes de pescar camarão, como uma atividade que permanece no universo da pesca, quanto para produzir bolsas e xales. O tecer para o grupo de pescadores se abre para o mundo exterior nas bolsas e xales.



Figura 1 (fonte: site das redeiras)

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As linhas, os nós, as agulhas, o espaço de armazenagem, o lugar de tecer, tudo com a introdução desses novos materiais mudam, e mudam também os aprendizados e ensinamentos que são transmitidos pelas “redeiras”, umas as outras e aos que se sucedem. O processo de transformação dos apetrechos da pesca e principalmente no trabalho na pesca artesanal, foram desencadeados, segundo o antropólogo Gianpaolo (2009), pela industrialização e expansão do mercado pesqueiro. É interessante perceber que mesmo com essa ampliação na produção capitalista os pescadores ainda apresentam técnicas tradicionais de captura e relação com os entes aquáticos. Hoje em dia Zuca e Vilma não trabalham mais confeccionando e remendando rede de pescar *para fora*, mas redescobriu esta habilidade com os fios e com o artesanato. O “para fora” avança para além das redes, torna-se artesã “para fora”. A resistência e persistência, dessa materialidade a rede de pescar camarão, tornam essas mulheres bases para o contexto do artesanato oriundo da pesca, onde este texto contrasta com a invisibilidade da cadeia produtiva da pesca, mostrando as relações complexas de gênero na pesca. A mulher na terra, restrita ao ambiente doméstico, não é verdadeira, mas agora já nas idades avançadas seu estar na terra remete ao “mar”. O artesanato das mulheres na comunidade pesqueira, marca relações no modo de vida, construídas no criar redes de pesca e recuperar as estragadas, mas agora envoltas pela criação de outras obras, que carregam a marca do “mar” no processo de confecção do artesanato e na cadeia produtiva da pesca artesanal da Colônia Z-3.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOMILLI, G.K. Arte de pescar, arte de narrar: notas etnográficas sobre a dimensão cultural do trabalho em uma comunidade pesqueira. *Métis: História & Cultura*, v.8, n.16, p.97-119, jul./dez. 2009.

ADOMILLI, G.K. **Terra e mar, do viver e do trabalhar na pesca marítima: tempo, espaço e ambiente junto a pescadores de São José do Norte-RS.** 2007. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ADOMILLI, G.K. Um percurso de (re)existências em águas salgadas: notas sobre mobilidade e memória do litoral em uma comunidade pesqueira. In: ROCHA, A.L.C.; ECKERT, C. (Org.). *Tempo e memória ambiental: etnografia da duração das paisagens citadinas*. Brasília, DF: ABA Publicações, 2021. v.1, p.8-416.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p.3-21.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação*, v.33, n.1, p.6-25, 2010.

LEROI-GOURHAN, A. *El gesto y la palabra*. Caracas: Universidad de Venezuela, 1971.